



Tutoria na Educação a Distância e Competências Digitais: Um Estudo com Tutores de Administração

Tarcísio Souza de Sá – IFMA/Campus São João dos Patos – tarcisiosjp@gmail.com,
<https://orcid.org/0009-0002-2153-1364>

Thiago Reis da Silva – IFMA/Campus São João dos Patos, thiago.reis@ifma.edu.br,
<https://orcid.org/0000-0003-4206-6801>

Resumo: O estudo analisou o nível de competências digitais dos tutores do curso de Administração na modalidade de Educação a Distância (EaD) de uma universidade pública brasileira localizada na região Nordeste, com base no modelo DigCompEdu Check-In, acrescido de uma dimensão adicional de Educação Aberta. A pesquisa, de caráter descritivo e quantitativo, aplicou um questionário a 13 tutores em 2025. Os resultados indicaram que a maioria dos participantes se encontra em níveis avançados (especialistas, líderes ou pioneiros), embora muitos subestimem suas próprias competências. A principal fragilidade foi identificada na dimensão de Educação Aberta, com predominância de níveis iniciais. Conclui-se que, apesar do elevado grau de maturidade digital, ainda são necessárias formações contínuas e apoio institucional para fortalecer práticas abertas e colaborativas.

Palavras-chave: Competência digital; Tutoria em EAD; DigCompEdu.

Tutoring in Distance Education and Digital Competencies: A Study with Administration Tutors

Abstract: The study analyzed the digital competency levels of tutors in the Administration course offered in the Distance Education (EaD) modality at a Brazilian public university located in the Northeast region, based on the DigCompEdu Check-In model, with an additional dimension of Open Education. The research, descriptive and quantitative in nature, applied a questionnaire to 13 tutors in 2025. The results indicated that most participants were at advanced levels (experts, leaders, or pioneers), although many underestimated their own competencies. The main weakness was identified in the Open Education dimension, with a predominance of beginner levels. It is concluded that, despite the high degree of digital maturity, continuous training and institutional support are still necessary to strengthen open and collaborative practices.

Keywords: Digital competence; Distance learning tutoring; DigCompEdu.

1 Introdução

A EaD é uma modalidade que tem se consolidado dentro do cenário educacional brasileiro, especialmente no contexto da oferta dos cursos de graduação, ampliando o acesso à educação em regiões que a oferta presencial é limitada por diversos contextos, sejam eles, políticos, econômicos, geográficos e sociais (Gomes, 2009).

A expansão desse modelo também está associada às políticas públicas de democratização e acesso ao ensino superior, diante dos avanços das tecnologias digitais e da remodelagem das práticas pedagógicas, possibilitando assim uma nova forma de ensino que se condiciona entre o tempo, espaço e aprendizagem (Medeiros, 2019). Porém, no contexto dessa estrutura educacional *on-line*, existem desafios relacionados à qualidade do ensino e da formação dos profissionais envolvidos nesse processo educativo, especialmente dos tutores que possuem uma presença maior nas atividades desenvolvidas na EaD (Costa, 2024).

Nesse sentido, compreende-se que os tutores exercem um papel fundamental na estrutura comunicativa dos ambientes de aprendizagem, mediando conteúdos, professores e estudantes, o que destaca sua relevância no contexto da EaD. A atuação do tutor vai



além do simples acompanhamento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, exigindo habilidades pedagógicas, comunicacionais e, cada vez mais, competências digitais, como o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Torna-se, portanto, imprescindível que o tutor saiba utilizar os recursos dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), promovendo o engajamento e a aprendizagem dos estudantes (Costa, 2024).

No que se refere às competências digitais, destaca-se o *Digital Competence Framework for Educators* (DigCompEdu), desenvolvido pela Comissão Europeia, que se configura como um referencial científico voltado a educadores de todos os níveis, com o objetivo de avaliar a competência digital por meio de seis dimensões de análise: Envolvimento Profissional, Recursos Digitais, Ensino e Aprendizagem, Avaliação, Capacitação dos Aprendentes e Promoção da Competência Digital dos Aprendentes (Comissão Europeia, 2021). Essa ferramenta, conforme Loureiro, Meirinhos e Osório (2020), Lucas, Dorotea e Piedade (2021) e Sarzi e Ramos (2025) consolidou-se como um referencial internacional para a avaliação das competências digitais docentes, apoiando políticas públicas educacionais e programas de formação adaptáveis a diferentes contextos.

Diante desse cenário, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: *Qual é o nível de competências digitais dos tutores do curso de Administração na modalidade EaD?* O objetivo geral consistiu em analisar o nível de competências digitais desses tutores com base nas seis dimensões do modelo DigCompEdu Check-In. Especificamente, propôs-se: (i) identificar o nível de domínio dos tutores em relação às competências profissionais, pedagógicas e dos aprendentes, conforme o modelo DigCompEdu Check-In; (ii) avaliar como os tutores utilizam recursos digitais nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); e (iii) verificar a atuação dos tutores na promoção da competência digital dos estudantes do curso de Administração.

2 Competências Digitais para Educadores no Ensino Superior

Com os avanços das TDICs, a modalidade EaD passou a incorporar diferentes modelos educacionais, e o contexto educacional brasileiro vem sofrendo mudanças em seus métodos, estratégias e formas de interação com os estudantes, buscando alinhar-se a uma educação de qualidade. Nesse cenário, as competências digitais dos educadores tornaram-se fundamentais para assegurar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, possibilitando o uso crítico, ético e pedagógico das tecnologias digitais, rompendo barreiras geográficas (Thiago, Souza e Matta, 2025).

Para Siqueira (2024), a competência digital manifesta-se no domínio do conhecimento técnico e das ferramentas digitais, abrangendo o planejamento didático, a avaliação, a mediação pedagógica e o desenvolvimento de práticas inovadoras com o uso das tecnologias. Para apoiar o diagnóstico e o desenvolvimento dessas habilidades, a Comissão Europeia elaborou o DigCompEdu, uma estrutura de competência digital para educadores utilizada na avaliação das competências digitais docentes (Comissão Europeia, 2021).

O DigCompEdu *Check-In* é uma ferramenta de autoavaliação que permite identificar o nível de competência dos educadores a partir de seis dimensões de análise, organizadas em três eixos abrangentes: competências profissionais, competências pedagógicas e competências dos aprendentes (Comissão Europeia, 2021). Essas dimensões são detalhadas em 22 descritores específicos, distribuídos da seguinte forma: (1) Envolvimento Profissional; (2) Recursos Digitais; (3) Ensino e Aprendizagem; (4) Avaliação; (5) Capacitação dos Aprendentes; e (6) Promoção da Competência Digital dos



Aprendentes (Redecker, 2017). Cada uma dessas dimensões é composta por competências específicas que refletem os múltiplos aspectos da prática docente mediada pelas tecnologias, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Dimensões de competências digitais do DigCompEdu Check-In. Fonte: Adaptado de Lameza (2024).

DIMENSÕES	DESCRIÇÃO
Área 1: Envolvimento profissional	Uso das tecnologias digitais para ensino, interações profissionais, desenvolvimento contínuo e inovação organizacional.
Área 2: Recursos digitais	Selecionar, criar, adaptar e compartilhar recursos digitais, respeitando direitos autorais e proteção de dados.
Área 3: Ensino e aprendizagem	Planejar e aplicar tecnologias digitais de forma a centralizar o processo no estudante.
Área 4: Avaliação	Utilizar tecnologias para melhorar e inovar métodos avaliativos, oferecendo feedback personalizado com base em dados.
Área 5: Capacitação dos aprendentes	Estimular engajamento, autonomia e personalização da aprendizagem, garantindo inclusão e acessibilidade.
Área 6: Promoção da competência digital dos aprendentes	Desenvolver nos estudantes suas próprias competências digitais.

Essa estrutura representa os principais aspectos envolvidos na atuação dos professores no que se refere aos ambientes educacionais digitais, mostrando como a prática docente demanda além do domínio técnico de ferramentas, uma postura reflexiva, colaborativa, estratégia e centralizada nos processos de aprendizagens dos alunos.

A partir dos estudos de Santos, Punie e Muñoz (2016), no âmbito do projeto OpenEdu, acrescenta-se mais uma dimensão de análise, apresentada no Quadro 2, que se relaciona de forma transversal com as áreas 1, 2, 3, 4 e 5 da ferramenta de autoavaliação DigCompEdu *Check-In*, definida como educação aberta.

Quadro 2 – Dimensão do Projeto OpenEdu. Fonte: Adaptado de Santos, Punie e Muñoz (2016).

DIMENSÕES	DESCRIÇÃO
Área 7: Educação Aberta	A abertura na educação busca reduzir barreiras econômicas, tecnológicas, geográficas e institucionais, garantindo condições para que todos possam aprender formal ou informalmente. Já a abertura na pesquisa visa ampliar o acesso a dados e resultados, promovendo maior participação e alinhando-se aos princípios da Ciência Aberta.

Com a integração da sétima dimensão complementar ao modelo DigCompEdu *Check-In*, este passa a ser composto por 25 competências, distribuídas entre as dimensões estudadas, incluindo: Recursos Educacionais Abertos (REA), Práticas Educacionais Abertas (OEP) e Ciência Aberta. Essas estruturas apoiam e incentivam docentes e pesquisadores a utilizar ferramentas digitais para aprimorar o ensino e promover a inovação na educação.

3 Metodologia

Esta seção apresenta a metodologia adotada no estudo. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada que, segundo Gil (2010), tem como objetivo gerar conhecimentos voltados à aplicação prática, direcionados à solução de problemas específicos. Em outras palavras, baseia-se na premissa da utilidade dos resultados para uma realidade concreta.

Os objetivos da pesquisa são de natureza descritiva. De acordo com Silveira e Córdova (2009), a pesquisa descritiva segue processos definidos, com a finalidade de observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos, visando identificar características, comportamentos ou relações existentes entre as variáveis estudadas. Quanto à abordagem, adotou-se o caráter quantitativo, que conforme Richardson (2017), que é utilizado para quantificar dados tanto na coleta quanto na análise das informações, permitindo medir ou testar hipóteses de forma objetiva e sistemática.



Quanto aos procedimentos, realizou-se um estudo de caso envolvendo 19 tutores, dos quais apenas 13 participaram efetivamente, registrando-se 6 recusas na oferta de 2022 do curso de Administração da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). De acordo com Yin (2015), o estudo de caso constitui uma investigação empírica que analisa um fenômeno em seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Com o objetivo de preservar a identidade dos tutores, seus nomes foram omitidos, adotando-se como padrão o termo “Tutor” seguido dos números de 1 a 13, atribuídos de forma aleatória e mantidos em toda a análise. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação do questionário *DigCompEdu Check-In*, instrumento desenvolvido pela Comissão Europeia para a autoavaliação das competências digitais de educadores. O *DigCompEdu Check-In* é composto por sete áreas de competência, que abrangem, neste estudo, um total de 25 competências distribuídas entre dimensões profissionais, pedagógicas, dos aprendentes e de educação aberta, permitindo uma análise abrangente das práticas docentes mediadas por tecnologias digitais no ensino superior em EaD.

O instrumento apresenta questões organizadas em forma de afirmações situacionais, nas quais os respondentes indicam o nível que melhor representa sua prática profissional. Como exemplo, na área de Envolvimento Profissional, os itens abordam o uso das tecnologias digitais para comunicação institucional, colaboração entre pares e desenvolvimento profissional contínuo; na área de Ensino e Aprendizagem, os itens tratam do planejamento de atividades digitais centradas no estudante; e, na área de Avaliação, contemplam o uso de ferramentas digitais para feedback, acompanhamento do progresso e adaptação das estratégias avaliativa.

Cada pergunta apresenta sete opções de resposta, com níveis de complexidade definidos a partir de uma adaptação da taxonomia de Bloom, a qual propõe uma abordagem mais dinâmica, enfatizando processos cognitivos como lembrar, compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar (Sabino *et al.*, 2012; Costa *et al.* 2013). O questionário contempla níveis de progressão baseados na complexidade das atividades propostas, variando de baixo (0) a alto (6), sendo que cada opção de resposta incorpora as competências anteriores e acrescenta novas.

Cada área do *DigCompEdu Check-In* contém entre três e cinco afirmações, o que possibilita uma pontuação máxima variável por área, podendo atingir 18, 24 ou 30 pontos, conforme a quantidade de itens. A Figura 1 ilustra as dimensões da prática docente mediada por tecnologias e suas respectivas especificidades.



Figura 1 – Dimensões da prática docente mediada por tecnologias e suas especificidades. Fonte: Traduzido de comissão europeia (2021).



Os resultados obtidos por área permitem identificar o nível geral de competência digital dos tutores, embora se reconheça que a ferramenta apresenta limitações quanto ao número desigual de itens por dimensão, o que inviabiliza uma comparação absolutamente homogênea entre as áreas. Ainda assim, conforme Lameza (2024), os dados possibilitam identificar tendências, pontos fortes e fragilidades nas competências digitais dos educadores. O Quadro 3, a seguir, apresenta o número de afirmações, a escala de pontuação e os níveis de habilidade por área.

Quadro 3 – Níveis de habilidades com as competências digitais por áreas. Fonte: Comissão Europeia (2021).

Áreas	Número de afirmações em cada pergunta	Pontuação	Níveis de habilidades
Áreas 1 e 3	4	Menos de 8 pontos	Iniciante/Explorador (A)
		Entre 8-13 pontos	Integrador/Especialista (B)
		Mais de 13 pontos	Líder/Pioneiro (C)
Áreas 2, 4, 5 e 7	3	Menos de 6 pontos	Iniciante/Explorador (A)
		Entre 6-9 pontos	Integrador/Especialista (B)
		Mais de 9 pontos	Líder/Pioneiro (C)
Área 6	5	Menos de 9 pontos	Iniciante/Explorador (A)
		Entre 9-16 pontos	Integrador/Especialista (B)
		Mais de 16 pontos	Líder/Pioneiro (C)

O modelo está estruturado em diferentes níveis de competência — A1, A2, B1, B2, C1 e C2 —, detalhados no Quadro 4. Para cada estágio, é apresentado um descritor funcional que reflete o foco específico do uso da tecnologia digital característico daquele nível de competência. Nesse contexto, os níveis de competência dos educadores são classificados como: Recém-chegado (A1), Explorador (A2), Integrador (B1), Especialista (B2), Líder (C1) e Pioneiro (C2). Ver Quadro 4, que apresenta também os respectivos níveis de pontuação.

Quadro 4 – Classificação dos níveis de competências dos educadores. Fonte: Adaptado da Comissão Europeia (2021).

Pontuação	Nível	DESCRIÇÃO
Inferior a 23	Recém-chegado (A1)	Tem pouca experiência com tecnologias digitais, usando-as basicamente em tarefas administrativas e preparação de aulas. Precisa de orientação para ampliar o repertório.
Entre 23 e 38	Explorador (A2)	Já começou a explorar algumas ferramentas digitais, mas sem consistência. Necessita de incentivo e troca de experiências para avançar.
Entre 39 e 56	Integrador (B1)	Integra tecnologias em várias práticas de forma criativa, mas ainda está testando quais funcionam melhor. Precisa de mais tempo e colaboração para evoluir.
Entre 57 e 74	Especialista (B2)	Usa tecnologias digitais com confiança e criticidade, escolhendo ferramentas adequadas a cada situação. É inovador e peça-chave na organização.
Entre 75 e 91	Líder (C1)	Tem domínio consistente e abrangente, mantém-se atualizado e serve de inspiração para colegas. Contribui para a melhoria coletiva das práticas.
Superior a 91	Pioneiro (C2)	Questiona práticas existentes, busca inovação contínua e cria novas abordagens pedagógicas. É raro e atua como modelo de referência.

No que se refere ao procedimento de análise dos dados, as respostas do questionário foram inicialmente tabuladas em planilha eletrônica, permitindo o cálculo das pontuações individuais e médias por área de competência. Em seguida, as pontuações obtidas foram comparadas às faixas de classificação estabelecidas pelo DigCompEdu Check-In, possibilitando a identificação do nível de competência digital de cada tutor e do grupo como um todo. Adicionalmente, realizou-se a comparação entre a autoavaliação declarada pelos participantes e os resultados efetivos do instrumento, visando identificar



possíveis discrepâncias entre percepção e desempenho. A análise foi conduzida de forma descritiva e interpretativa, à luz do referencial teórico adotado.

4 Resultados e Discussões

Inicialmente, foi realizada a caracterização do perfil dos participantes da pesquisa, com o objetivo de compreender as pessoas envolvidas no estudo quanto ao sexo, idade, prática da docência e tempo de utilização das tecnologias digitais no ensino. Os dados obtidos com os 13 tutores revelam importantes informações sobre o perfil e a trajetória profissional, bem como sobre o uso das tecnologias digitais de ensino em sua prática educacional.

A distribuição por sexo indica uma predominância do público masculino (61,5%) em relação ao feminino (38,5%). Quanto à faixa etária, observa-se que a maioria dos tutores tem entre 30 e 39 anos (46,2%), seguida das faixas de 25 a 29 anos e de 40 a 49 anos, ambas com 23,1%, e apenas um participante na faixa de 50 a 59 anos. No que diz respeito à atuação docente, a maioria dos participantes possui entre 6 e 9 anos de experiência (38,5%), seguida por um grupo com mais de 20 anos de atuação (23,1%). Observou-se ainda um grupo relevante com menos de 3 anos (15,4%) e outro entre 15 e 19 anos (15,4%).

Em relação ao uso das tecnologias digitais no ensino, verificou-se que a maioria dos tutores declarou utilizar essas ferramentas entre 4 e 9 anos (61,6%, somando os que responderam 4–5 anos e 6–9 anos). Esses dados podem ser relacionados aos impactos das políticas públicas de incentivo à integração das tecnologias na escola, por meio de ações como o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), ou mesmo aos avanços no ensino remoto em razão da pandemia da Covid-19.

Para Kenski (2012), a inserção das tecnologias digitais no cotidiano docente não se manifesta apenas pela presença física dos equipamentos, mas também pelos processos de ressignificação das práticas pedagógicas e pela apropriação crítica dessas ferramentas. Há também docentes que relataram contato com as tecnologias digitais há mais de 20 anos (15,4%), o que sugere o uso sistemático e pedagógico dessas ferramentas — ainda uma prática relativamente recente para muitos professores.

Em seguida, foi solicitado aos tutores que se autoavaliassem em relação às suas competências digitais, classificando-se nos níveis: Recém-chegado (A1), Explorador (A2), Integrador (B1), Especialista (B2), Líder (C1) e Pioneiro (C2). Essa autoavaliação foi correlacionada com os resultados obtidos no DigCompEdu *Check-in*, possibilitando um comparativo entre a percepção dos participantes e o desempenho verificado no questionário, conforme as classificações definidas na metodologia. Antes da análise desse comparativo, a Figura 2 apresenta os resultados da autoavaliação.

Os tutores avaliados pelo DigCompEdu *Check-In* distribuíram-se entre quatro níveis: 1 integrador (B1), 4 especialistas (B2), 2 líderes (C1) e 6 pioneiros (C2), representando a faixa mais elevada de competências digitais. Cada nível reflete diferentes graus de domínio: os integradores utilizam tecnologias de forma frequente, mas ainda em busca de alinhamento; os especialistas aplicam recursos de forma crítica e consciente; os líderes possuem repertório sólido, atuam como referência e promovem troca de experiências; e os pioneiros exploram práticas inovadoras, servindo de inspiração na transformação educacional. Estudos como os de Loureiro, Meirinhos e Osório (2020) e Lucas, Dorotea e Piedade (2021), ao aplicarem o DigCompEdu em contextos de ensino superior, também identificaram que os docentes e tutores que atuam em ambientes digitais tendem a desenvolver competências sólidas no uso pedagógico das tecnologias. Tal convergência reforça a adequação do DigCompEdu *Check-In* como instrumento de diagnóstico e valida os resultados encontrados neste estudo.

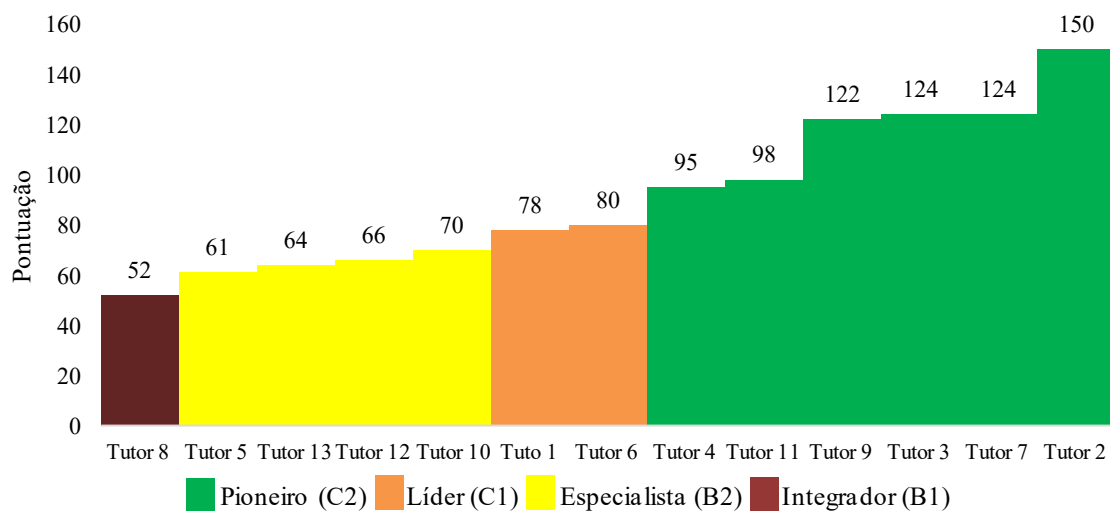


Figura 2 – Pontuação de competências digitais do Resultado do DigCompEdu Check-in. Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os dados do Quadro 5 indicam que os tutores se mostram mais conservadores em relação aos seus níveis de habilidades nas competências digitais. Observa-se que apenas o tutor 7 demonstrou plena consciência de suas próprias habilidades, pois os resultados obtidos no DigCompEdu *Check-in* foram equivalentes à sua autoavaliação reflexiva. Esse tutor se avaliou como Líder (C1) e obteve o mesmo resultado no teste, o que indica que possui uma abordagem consciente e abrangente quanto ao uso das tecnologias digitais, sendo capaz de aprimorar suas práticas pedagógicas e profissionais (Comissão Europeia, 2021).

Quadro 5 – Resultados das autoavaliações versus resultados do DigCompEdu Check-in. Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Tutores	Autoavaliação	Resultado do DigCompEdu Check-in
Tuto 1	Líder (C1)	Integrador (B1)
Tutor 2	Pioneiro (C2)	Especialista (B2)
Tutor 3	Integrador (B1)	Especialista (B2)
Tutor 4	Explorador (A2)	Especialista (B2)
Tutor 5	Integrador (B1)	Especialista (B2)
Tutor 6	Integrador (B1)	Líder (C1)
Tutor 7	Líder (C1)	Líder (C1)
Tutor 8	Integrador (B1)	Pioneiro (C2)
Tutor 9	Líder (C1)	Pioneiro (C2)
Tutor 10	Integrador (B1)	Pioneiro (C2)
Tutor 11	Integrador (B1)	Pioneiro (C2)
Tutor 12	Explorador (A2)	Pioneiro (C2)
Tutor 13	Explorador (A2)	Pioneiro (C2)

Os tutores 1 (Líder – C1) e 2 (Pioneiro – C2) se autoavaliaram em níveis superiores; entretanto, os resultados do DigCompEdu *Check-in* revelaram níveis inferiores: Integrador (B1) e Especialista (B2), respectivamente. Em contrapartida, os tutores 3 (Integrador – B1), 4 (Explorador – A2), 5 (Integrador – B1) e 6 (Integrador – B1) se autoavaliaram em níveis mais baixos, mas os resultados do teste os classificaram em níveis superiores: tutores 3, 4 e 5 como Especialistas (B2) e o tutor 6 como Líder (C1).

Situação semelhante ocorreu com os tutores 8 (Integrador – B1), 9 (Líder – C1), 10 (Integrador – B1), 11 (Integrador – B1), 12 (Explorador – A2) e 13 (Explorador – A2),



que também se autoavaliaram em níveis inferiores, enquanto o teste indicou níveis mais elevados de habilidades digitais. Essa dinâmica sugere que, embora reconheçam suas competências tecnológicas, tendem a adotar uma postura conservadora em relação à autopercepção de suas habilidades digitais.

A discussão sobre como docentes percebem as próprias competências digitais e como estas são efetivamente demonstradas por instrumentos de avaliação tem sido objeto de análise em estudos como o de Sarzi e Ramos (2025), que destacam as múltiplas dimensões da competência digital e ressaltam a importância de instrumentos de avaliação que vão além da autopercepção, indicando que a autoavaliação pode não refletir completamente o desempenho real das práticas digitais dos professores, sendo necessário complementar com dados empíricos e comparativos.

Em seguida, procedeu-se à avaliação individual de cada área, agrupadas por compartilharem a mesma escala de pontuação por nível de habilidade. Na Área 1 – Envolvimento Profissional, a média obtida (15,77) classificou os tutores como Líderes/Pioneiros (C), o que indica que esses profissionais possuem elevado nível de habilidade no uso das tecnologias digitais, não apenas para aprimorar o ensino, mas também para interagir profissionalmente com a comunidade escolar, científica e demais partes interessadas. Essa competência contribui para o crescimento profissional e coletivo, além de fomentar a inovação. Entretanto, alguns tutores (5, 6, 8, 10 e 13) foram avaliados no nível B, o que sugere que ainda estão consolidando a aplicação das ferramentas digitais em seu contexto profissional.

Na Área 2 – Recursos Digitais, com média de 10,54, os tutores também foram classificados como Líderes/Pioneiros (C). Essa classificação representa profissionais que dominam o uso das tecnologias digitais em diferentes contextos da prática pedagógica, selecionando e combinando recursos de forma intencional, conforme os objetivos de ensino e aprendizagem, a fim de promover experiências enriquecedoras para os estudantes (Comissão Europeia, 2021). Contudo, alguns tutores apresentaram níveis mais baixos: o tutor 8 foi classificado como Iniciante (A) e outros (1, 4, 5, 9, 12 e 13) como Integradores/Especialistas (B), o que indica que estão em fase de experimentação e integração dos recursos digitais em suas práticas, de maneira criativa e crítica.

Na Área 3 – Ensino e Aprendizagem, com média de 14,38, os tutores foram classificados como Líderes/Pioneiros (C). Essa classificação corresponde a profissionais que utilizam tecnologias digitais de forma estruturada, crítica e criativa no planejamento e na condução de suas práticas pedagógicas. Esses educadores buscam adaptar as ferramentas às necessidades específicas dos alunos e às estratégias didáticas empregadas, promovendo experiências de aprendizagem mais significativas, interativas e inovadoras. Atuam como agentes de transformação e promovem melhorias no processo de ensino e aprendizagem por meio do uso consciente da tecnologia.

Contudo, um número relevante de tutores (1, 4, 6, 8, 10, 12 e 13) foi classificado como Integradores/Especialistas (B), e o tutor 5 como Iniciante (A), o que revela desafios na adaptação das ferramentas digitais a práticas pedagógicas. Observa-se que o tutor 5 demonstra consciência sobre o potencial das tecnologias digitais, mas ainda as utiliza de forma limitada, concentrando-se principalmente na preparação de aulas e na comunicação. Nesse caso, é necessário incentivo e orientação para que avance em sua trajetória de desenvolvimento digital.

Na Área 4 – Avaliação, a média de 10,62 também resultou na classificação de Líderes/Pioneiros (C). Essa classificação se refere a educadores que aplicam tecnologias digitais de maneira eficaz para planejar, executar e refletir sobre avaliações. Utilizam ferramentas digitais tanto em avaliações diagnósticas, formativas e somativas quanto no



monitoramento do progresso dos alunos, adaptando suas práticas pedagógicas com base nos dados obtidos.

Demonstram domínio e criticidade na escolha das estratégias avaliativas. No entanto, tutores como o 8 (Iniciante – A) e outros (1, 5, 10, 12 e 13) classificados no nível B demonstram estar em processo de experimentação, buscando ampliar, estruturar e consolidar seu repertório de estratégias avaliativas. Ainda assim, continuam a desenvolver a compreensão sobre quais ferramentas funcionam melhor em diferentes contextos.

Na Área 5 – Capacitação dos Estudantes, com média de 10,69, os tutores foram classificados como Líderes/Pioneiros (C). Esse nível representa educadores com uma abordagem consolidada e inovadora no uso das tecnologias digitais, que demonstram autonomia, visão estratégica e desenvolvem práticas pedagógicas de impacto, servindo como referência para os demais. Ainda assim, o tutor 8 (Iniciante – A) e outros (1, 4, 5, 10 e 12), classificados no nível B, utilizam tecnologias digitais de forma mais ampla do que os iniciantes, aplicando-as em diferentes atividades e contextos. Demonstram intencionalidade e criatividade, mas ainda estão em processo de consolidação de práticas mais críticas, reflexivas e estratégicas, necessitando de tempo e apoio colaborativo para avançar.

Na área 6 (Promoção da Competência Digital dos Aprendentes), registrou-se a maior média (19,54), destacando a maioria dos tutores como líderes/pioneiros (C). Esse resultado evidencia que, de maneira geral, os tutores têm desenvolvido práticas para estimular o uso das tecnologias pelos estudantes, promovendo sua autonomia digital. Alguns tutores (5, 6, 8, 11, 12, 13), ainda classificados no nível B, demonstram bom domínio das ferramentas digitais e buscam aplicá-las de forma coerente no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, esses profissionais ainda não atingiram o elevado grau de autonomia, criticidade e inovação característico dos níveis mais altos da escala. Com apoio formativo e incentivo à experimentação, possuem potencial para evoluir.

Ao analisar as áreas de Envolvimento Profissional, Ensino e Aprendizagem, Avaliação e Promoção da Competência Digital dos Aprendentes, observa-se consonância com estudos como o de Redecker (2017), na qual o estudo destaca que a centralidade do estudante, a mediação pedagógica contínua e o uso estratégico das tecnologias são características fortemente associadas a profissionais que atuam de forma sistemática em ambientes virtuais de aprendizagem, o que se confirma nos dados deste estudo.

Na área 7 (Educação Aberta), os tutores apresentaram média de 8,31, sendo classificados como iniciantes/exploradores (A). Esse resultado indica que a maioria dos profissionais se encontra nos estágios iniciais de compreensão e aplicação de práticas associadas à educação aberta, como o uso de REA, licenças abertas e compartilhamento colaborativo de conhecimento.

Por outro lado, os resultados relacionados à Educação Aberta (Área 7) dialogam com achados de Santos, Punie e Muñoz (2016), que indicam que práticas relacionadas a Recursos Educacionais Abertos, licenças abertas e ciência aberta ainda não estão plenamente consolidadas na cultura docente, mesmo entre profissionais com elevado domínio tecnológico. A baixa pontuação média nessa dimensão sugere que a educação aberta demanda não apenas competências técnicas, mas mudanças conceituais, institucionais e culturais, o que explica sua incorporação mais lenta às práticas pedagógicas.

Nesse nível, os tutores ainda necessitam de maior suporte formativo e experiências práticas para desenvolver confiança e ampliar seu repertório de estratégias abertas. Apenas os tutores 2, 3, 4 e 9 apresentaram pontuação acima da média, classificando-se como líderes/pioneiros (C). Esses profissionais demonstram domínio das práticas de



educação aberta, refletindo criticamente sobre o acesso, a colaboração e o uso de conteúdos digitais. Atuando de maneira inspiradora, promovem o uso de recursos abertos como meio de ampliação do conhecimento coletivo e inclusão educacional.

Os demais tutores (1, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13) obtiveram pontuações abaixo da média, permanecendo no nível de iniciantes/exploradores (A). Nesse caso, é necessário oferecer formações e experiências colaborativas que incentivem a adoção de práticas de educação aberta.

5 Considerações Finais

O estudo analisou as competências digitais dos tutores do Curso de Administração na modalidade EaD a partir do modelo DigCompEdu Check-In, contemplando seis dimensões que permitiram traçar um panorama do perfil profissional, do uso das tecnologias e do nível de domínio digital desses docentes. A investigação possibilitou compreender como os tutores se posicionam frente às exigências da mediação pedagógica em contextos digitais.

Os resultados indicam que a maioria dos tutores apresenta níveis avançados de competência digital, situando-se predominantemente como especialistas (B2), líderes (C1) ou pioneiros (C2), o que evidencia maturidade no uso pedagógico das tecnologias. Apenas um tutor foi classificado como integrador (B1), não havendo registros nos níveis iniciais, o que reforça o elevado grau de preparo do grupo analisado.

A autoavaliação revelou uma tendência à subestimação das próprias competências digitais, uma vez que, na maioria dos casos, a percepção individual foi inferior aos resultados apontados pelo instrumento diagnóstico. Esse achado destaca a relevância do DigCompEdu Check-In como ferramenta capaz de oferecer uma avaliação mais objetiva e confiável, contribuindo para o reconhecimento real das competências desenvolvidas.

No que se refere às dimensões profissionais, pedagógicas e relacionadas aos aprendentes, os tutores apresentaram desempenho médio compatível com os níveis Líder (C1) e Pioneiro (C2), especialmente nas áreas de envolvimento profissional, ensino e aprendizagem, avaliação, capacitação dos estudantes e promoção da competência digital discente. Observou-se domínio seguro e crítico dos recursos digitais, embora persistam desafios pontuais na escolha das ferramentas mais adequadas para diferentes contextos educacionais.

Por outro lado, a área de Educação Aberta apresentou os menores índices, situando os tutores, em média, em níveis iniciais, o que indica dificuldades relacionadas ao uso de Recursos Educacionais Abertos e licenças abertas. Conclui-se que, embora os tutores sejam agentes ativos e qualificados na mediação pedagógica digital, há necessidade de ações formativas mais direcionadas, sobretudo em educação aberta e estratégias avaliativas, visando ao fortalecimento de práticas digitais críticas, conscientes e inovadoras na EaD.

O estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na análise dos resultados, especialmente o número reduzido de participantes, restrito a 13 tutores, o que limita a generalização dos achados para outros contextos da Educação a Distância, bem como o uso de instrumento de autoavaliação, suscetível a vieses de percepção individual. Diante disso, recomenda-se que pesquisas futuras ampliem o universo amostral e contemplem diferentes instituições, áreas e contextos regionais, além de adotarem abordagens metodológicas mistas, integrando dados quantitativos e qualitativos e técnicas como entrevistas, observação e análise documental, com vistas a aprofundar a compreensão sobre o desenvolvimento das competências digitais dos tutores e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS



COMISSÃO EUROPEIA. DigCompEdu Check-In v2021 – Higher Education. European Commission, 2021.

COSTA, A. F. G. Tutoria e Mediação da Aprendizagem. 2024.

COSTA, R. D.; LIMA, R. W.; SILVA, T. R.; ROCHA, S. M. P. T.; FERNANDES, D. K. Ferramentas avaliativas disponíveis em um ambiente virtual de aprendizagem usada no planejamento de um curso através do mapa de dependências. In: Revista Novas Tecnologias na Educação – RENOTE, v. 11, n. 1, 2013.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, J. R. S. A formação da educação à distância (EAD) no Brasil: contexto histórico, legislação, avanços e desafios. 2011.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 6. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LOUREIRO, A. C.; MEIRINHOS, M.; OSÓRIO, A. A emergência de referenciais de competências para a capacitação digital docente. V Encontro Internacional de Formação na Docência: Livro de Atas, p. 20-30, 2020.

LOUREIRO, Ana Claudia; MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António José. Competência digital docente: linhas de orientação dos referenciais. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, v. 13, n. 2, p. 163-181, 2020.

LOUREIRO, Ana Cláudia; OSÓRIO, António; MEIRINHOS, Manuel. Competência digital: um estudo sobre as competências dos professores para a integração das TIC em contextos educativos. 2021.

LUCAS, M.; DOROTEA, N.; PIEDADE, J. Desenvolvimento da competência digital de professores: resultados de um piloto em Portugal. In: Revista Iberoamericana de Tecnologías del Aprendizaje, v. 16, n. 1, 2021.

LAMEZA, J. O. Competências digitais dos tutores on-line em cursos de graduação presencial, híbrido e EaD. 2024.

MEDEIROS, J. C. Gestão do tempo e evasão na Educação a Distância: um estudo de caso sobre o curso de Administração Pública do Sistema UAB/UnB. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

REDECKER, C. European Framework for the Digital Competence of Educators: DigCompEdu. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2017.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

REDECKER, Christine; PUNIE, Yves. Digital competence of educators. Edited by Yves Punie, 2017.

SABINO, M. M. F. L.; BERNARDINI, I. S.; AZEVEDO, P.; TODESCAT, M.; ROSA, R. S.; COSTA, A. M.; DALMAU, M. B. L. Uma análise cognitiva do processo de orientação de trabalho de conclusão de curso na modalidade a distância: o caso do projeto piloto do curso de Administração a distância da UFSC. In: Revista Novas Tecnologias na Educação – RENOTE, v. 10, n. 1, 2012.

SANTOS, A. I.; PUNIE, Y.; MUÑOZ, J. C. Opening up education: a support framework for higher education institutions. European Commission Joint Research Centre, EUR 27938, p. 1-74, 2016.



SANTOS ANDREIA, Inamorato; PUNIE, Yves; MUÑOZ JONATAN, Castaño. Opening up education: A support framework for higher education institutions. 2016.

SARZI, L. Z.; RAMOS, D. K. Competências digitais em educação: Distanciamentos e aproximações entre documentos nacionais e internacionais. *Momento-Diálogos em Educação*, v. 34, n. 1, 2025.

SIQUEIRA, R. A. F. Competências digitais docentes: desenvolvimento de um modelo pedagógico de autoavaliação. 2024.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica: métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

THIAGO, J. W. S. S., SOUZA, A. A.; MATTA, A. E. R. (2025). Tecnologias digitais como metodologias potencializadoras da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos. In: *Caderno Pedagógico*, 22(6).

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.